

POSITO LEGAL
SET 1945
JUL 1945

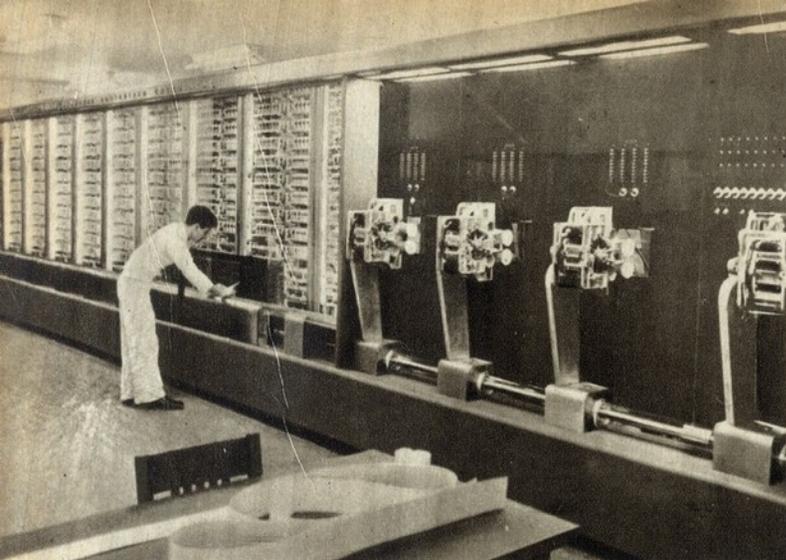
N: 112



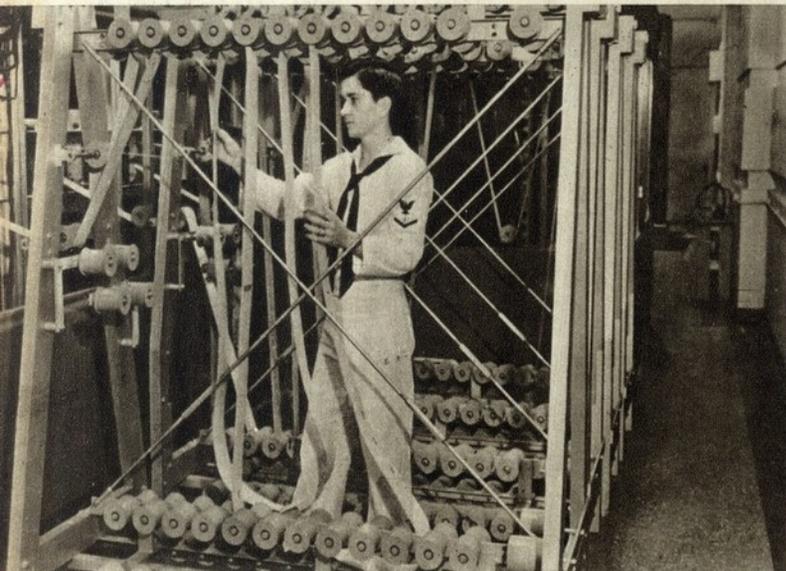
DESPEDIDA DA PRIMAVERA

MUNDO GRÁFICO

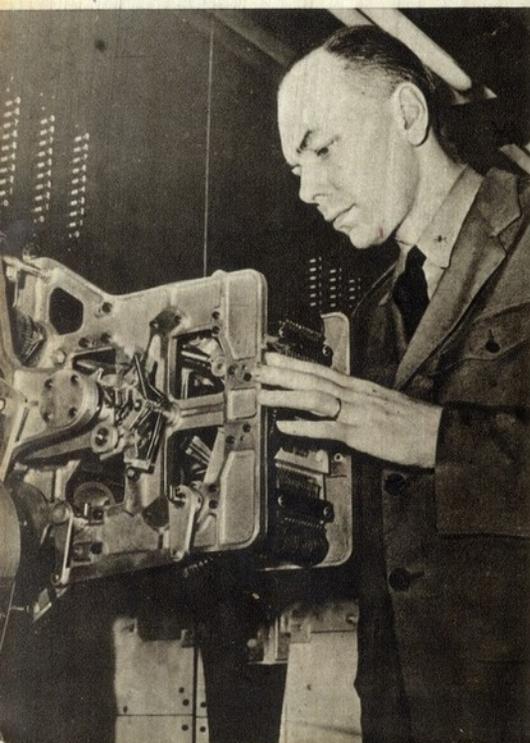
O MAIOR NUMERADOR MATEMÁTICO DO MUNDO



É assim o enorme calculador matemático denominado «Automatic Sequence Controlled Calculator». Neste momento, um especialista da Marinha trabalha com ele



Procedendo ao ajustament dos rolos de papel na rect-guarda da maquina de calcular



*A colocação da fita contendo o problema «apresentado» à maquina de calcular
← O capitão de fragata Howard Aiken, que inventou o super-cérebro matemático*

NA Universidade de Harvard, entrou ao serviço da marinha dos Estados Unidos um calculador matemático gigantesco, a maior máquina de calcular já mais existente no mundo. Completamente nova e diferente de todo o material do género até hoje construído, esta máquina é o resultado de trabalhos teóricos de pesquisa pelo seu inventor, o capitão de fragata Howard H. Aiken, da marinha dos Estados Unidos e seis anos mais de desenho, construção e experiência. Este «Automatic Sequence Control Calculator», nome que é atribuído à máquina, será dedicado aos problemas de guerra.

O calculador pode somar ou subtrair grandes números no reduzido espaço de um fêrço de segundo, e a operação elementar do cálculo de sen x , operação unicamente peculiar a esta máquina leva apenas 88 segundos a realizar-se. Um problema típico foi resolvido em 19 horas com o auxílio desta máquina, ao passo que, empregando as máquinas de calcular vulgares, levou três semanas de trabalho a quatro raparigas especializadas.

Um dos problemas que aguardam a máquina, quando ela fôr entregue ao uso civil, é a solução da equação dinâmica do sistema solar, nunca resolvida devido à sua dificuldade, como também ao muito tempo e pessoal necessários. A física atómica, a pesquisa no campo da rádio, as investigações da ionoesfera, o trabalho actuarial, a óptica e a ciência dos electões, ver-se-ão também consideravelmente beneficiados. Numerosas funções matemáticas definidas pelas séries infinitas e por processos infinitos e úteis na física, na química, na engenharia e na matemática pura, aguardam tabulação.

O complicado mecanismo é comandado por um rolo de papel onde se encontram gravados os dados a serem resolvidos. Estes rolos podem ser reunidos numa biblioteca a fim de que se possa recorrer a eles sempre que tal se torne necessário em futuros problemas.

REFLEXOS DO MUNDO



O presidente Herriot chega a França

quer. E foi assim que Pinero pisou pela primeira vez o palco em Londres.

(Liverpool Daily Post)

Adivinha...

Dois bêbados estavam sentados à mesa de um «bar» fitando tristemente as suas bebidas. Um deles estremeceu e juntando as duas mãos como se elas contivessem alguma coisa, perguntou ao companheiro.

— Que tenho eu nas mãos?

O seu companheiro pensou com cuidado por momentos. — «A Torre de Londres?»

— Não. Outra vez.

— A pista de Epton?

— Não, mas está mais quente.

— Um cavalo?

O primeiro bêbado abriu um estreito intervalo entre as duas mãos e olhou para dentro com atenção. Fitou o companheiro e perguntou:

— És capaz de dizer de que côr é?

(Magazine Digest)

Um aniversário original

Um homem de Liverpool celebrou um duplo aniversário. O primeiro não é raro — as bodas de ouro. O segundo será possivelmente o único — o seu sexagésimo aniversário como «habitué» do restaurante da cidade onde ele almoçava seis vezes na semana. Calcula ele que neste espaço de tempo consumiu mais de dezoito mil refeições.

(Liverpool Daily Post)

O record do número de nomes

O record do número de nomes deve ser provavelmente de uma rapariga nascida em West Derby, Liverpool.

O seu pai insistiu em lhe dar nomes iniciados por tôdas as letras do alfabeto e, assim, a



temos baptizada como Ann Berta Cecilia Diana Emily Fanny Gertrude Hypatia Inez Jane Kate Louisa Maud Nora Ophelia Quince Rebecca Starkey Teresa Ulysses Venus Winifred Xenophon Yette Zenus.

(Liverpool Daily Post)



O general Bradley cumprimentando o porteiro de um hotel, em Londres

Recomendações...

Há quarenta anos os auto-ônibus foram vistos pela primeira vez em Londres. O seu aparecimento foi devido a Tho-

mas Tilling que os introduziu no percurso de Oxford a Peckham. Era uma invenção que os londrinos olhavam com variados sentimentos. Nos novos carros havia uma variedade de observações feitas em boa linguagem. Os passageiros eram informados de que não deveriam pôr os pés nos assentos e convidados a absterem-se de ares afectados e presenciosos para não incomodar os outros viajantes. Eram também avisados para se comportarem respeitosamente com as senhoras evitando gracejos que as fizessem corar. Outro aviso chamava a atenção dos passageiros para não imporem ao condutor a necessidade de terem sempre trocos pois se deviam lembrar que o condutor não era um Banco.

(Boitat News-Letter)

Quem seria?

No cemitério de Cranfield, Bedfordshire, do lado oriental da porta da Capela, está uma lápide com esta inscrição:

Em memória de
LYDIA HALLWORTH
Sobrinha do General Washington
Falecida em 4 de Novembro de
1863. Idade 83 anos

Eu nasci em Cranfield em 1863. Os meus pais contaram-me que Lydia fôra governanta de Mr. Faulder e que o médico da vila tinha as suas cartas, documentos, etc.. Fiz variadís-

A ALEGRIA DOS MARINHEIROS INGLESES

Foram estes homens, com o seu bom humor e o seu heroísmo, os primeiros que venceram a Alemanha.

simas pesquisas em Cranfield, e não descobri nenhum General Washington a não ser o primeiro Presidente da U. S. A. que nasceu em 1732 e morreu em 1799, com a idade de 67 anos.

Esta senhora, de acordo com a inscrição, nasceu em 1780.

(Country Life)



O característico charuto de Churchill



...aqui

AMÉRICA



Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

| HORAS | ONDAS | ONDAS | ONDAS | ONDAS |
|-------|-------|-------|-------|-------|
| 20.30 | | | | |
| às | 19,50 | 19,70 | 25,30 | 25,40 |
| 21.00 | | | | |
| 22.45 | | | | |
| às | 19,50 | 19,70 | 25,30 | 25,40 |
| 23.15 | | | | |

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser escutada por intermédio da B. B. C., todos os dias, das 21,30 às 21,45

Emissões diárias

OIÇA A VOZ da
AMÉRICA em MARCHA



Um aspecto da conferência de São Francisco

O ACÓRDO DOS POVOS

por ARTUR PORTELA

PESADAMENTE, sombras negras no céu apenas clareado, os corvos crocitantam ainda. Supõem que a Alemanha vencida pelo ferro e o fogo que desencadeou sobre o mundo pode ainda, de certa maneira, ressarcir-se, opondo entre si as nações vitoriosas.

É facto que a Alemanha pretendeu jogar com essa carta marcada desde quasi o principio da luta, mas a estulticia do seu manejo diplomático foi, prontamente, desmascarada e verberada.

A Inglaterra respeitou sempre os seus tratados e os Estados Unidos cumpriram sempre a sua palavra. Os povos que permaneceram estreitamente unidos no mesmo ideal de libertação, de respeito por tôdas as crencas e de emancipação social, cimentaram com o sangue nos campos de batalha essa frente que se poderia chamar total se a palavra não fosse odiosa pelo que representa e evoca.

Os chefes anglo-saxões que estiveram em Teherão e Yalta não foram ali, pessoalmente, com a força discricionária que usavam os ditadores da Alemanha e da Itália; representavam através do sufrágio livre, dos votos formais das assembleias parlamentares e de tôdas as outras instituições inerentes os seus estados civilistas de que as forças armadas são fieis servidoras. Churchill, grande europeu, era a voz de Inglaterra, como Roosevelt, grande americano, era a dos Estados Unidos.

Todos eles sabiam que a vitória estava próxima e que a paz iminente não representava somente o fim da guerra, mas a aquisição certa e irrefragável de uma larga época de tranqüilidade que tem, historicamente, de realizar uma obra cujo principal objectivo é a reintegração da vida nos seus direitos, suspensos pela tirania, dentro do natural equilibrio dos conceitos sociais.

Por isso escrevemos que a vitória seria total. Não há divergências, nem aspectos antagonicos que levem a uma divisão. É sobre as pedras basilares de Yalta que assentou a paz mundial. Não estremecem, não cairão!

Em São Francisco, Londres, Berlim, Trieste, Roma, é a própria magnitude dos problemas que une, indetectivelmente, os grandes aliados.

Se há correcções a fazer, como em tudo quanto se relaciona com a vida internacional, elas são insignificantes se considerarmos que os temas primordiais como o do porto Adriático, a ocupação do Reich e outros, já obtiveram uma justa solução.

Não haverá, pois, politica de atrito, mas de entendimento. A Alemanha foi vencida definitivamente! A aliança das nações, que serviu a guerra, servirá ainda melhor a paz.

A Europa que esmagou os flagelos nazi e fascista permanecerá unida sinceramente, fielmente, até onde abrange o horizonte do tempo. É esse o penhor da sua liberdade!

IMPERMEAVEIS



NA Grã-Bretanha, Charles Macintosh produziu, em 1823, substância impermeável impregnando o tecido com uma solução de borracha em nafta. A fabricação de impermeáveis continus, porém, a ser um problema para o químico. A dificuldade está em tratar as matérias-texteis de modo a combinar a protecção com a ventilação. No entanto, têm-se aperfeiçoado certos métodos, alguns dos quais podem ser applicados até aos materiais mais delicados. Última realização dos químicos britânicos, é um impremiável que resistirá à própria lavagem. Actualmente, existem as necessidades especiais dos engenheiros, operários e outros, ao serviço das forças armadas e da indústria, cujos fatos de trabalho devem ser, simultaneamente, bastante leves para permitirem liberdade de movimentos e suficientemente fortes para os protegerem contra as intempéries.

Pertence ao químico a honra de ter habilitado o fabricante britânico de tecidos a combinar estas qualidades.



A química ao serviço do homem

IMPERIAL CHEMICAL INDUSTRIES, Londres, Inglaterra



DOUGLAS RITCHIE

EIS um nome que, dito ou escrito assim, simplesmente, sem uma explicação, pouco dirá ao espírito de muita gente. Mas a casa mudará inteiramente de figura quando se disser que ele corresponde à personalidade misteriosa e influente que, durante quasi cinco anos, foi discutida por toda a parte como sendo a do coronel Britton.

Poucas vezes se terá registado um êxito publicitário tão grande como aquele que alcançou por toda a parte, nos países beligerantes como nos outros, o sinal V, o sinal da vitória aclamado em todas as linguas, usado em todos os tons, divulgado por todos os processos. É ao coronel Britton, aliás a Douglas Ritchie, que se ficou devendo a sua divulgação. A ideia de usar os primeiros compassos da quinta sinfonia de Beethoven para o anunciar, nas estações de rádio difusão, ideia que perturbou completamente o ministério da Propaganda do Reich e o famoso dr. Goebbels, deve-se à capacidade inventiva de Douglas Ritchie.

Durante os anos sombrios em que a decisão da luta esteve suspensa na balança dos acontecimentos cotidianos, a voz do coronel Britton não deixou nunca de se fazer ouvir incansavelmente, animando os homens dos diversos movimentos de resistência por toda a Europa, incitando os heróis obscuros que, por toda a parte, se expunham às represálias da Gestapo e aos horrores do campo de concentração.

Quando a invasão do continente se tornou uma realidade, em 6 de Junho de 1944, o coronel Britton passou a ser um dos elementos essenciais e imprescindíveis no Quartel General de Eisenhower. Era ele que dava instruções aos exércitos do Interior que tão importante papel desempenharam na realização rápida da vitória.

A Conferência dos três

A evolução recente dos acontecimentos internacionais tornou necessária uma nova Conferência dos chefes responsáveis das três grandes potências que derrotaram a Alemanha. Embora não sejam, por enquanto, conhecidos quaisquer pormenores sobre as condições em que vai realizar-se o novo encontro do Primeiro Ministro da Grã-Bretanha com o presidente dos Estados Unidos e com o chefe do governo da União Soviética, ninguém tem dúvidas de que elle se revestirá de uma alta importância e de que, do seu êxito, dependerá, em grande parte, o futuro próximo da Europa e do mundo.

Os problemas a tratar nessa reunião são muitos e complexos. Pela primeira vez, o novo chefe do Estado norte-americano vai ter ocasião de se encontrar, directamente, em contacto com duas personalidades do maior relevo na vida internacional.

A nova reunião dos três grandes efectuar-se-á sem a presença do presidente Franklin Roosevelt. Não é exagerado dizer que essa falta é mais do que sensível, porque bem pode revelar-se de consequências delicadas. O malogrado presidente afirmou sempre, e de maneira especial nos encontros que teve com srs. Churchill e Estaline, tão excepcionais requisitos de ordem pessoal para tratar os mais árduos e difíceis problemas, relacionados com a condução da guerra e com a organização da paz, que bem pode dizer-se que o seu desaparecimento criou uma situação inteiramente nova no mundo. Mais do que nunca, essa situação tornou-se de uma delicadeza que exige as atenções de todos os homens de Estado responsáveis, agora que, com a vitória adquirida nos campos de batalha, é necessário empreender a luta para a realização de uma paz durável, justa e equitativa.

As duas anteriores reuniões dos três grandes revestiram-se de uma importância e de uma significação históricas. A primeira realizou-se em Teherão, em fins de Novembro de 1943, e a segunda em Yalta, na Crimeia, em Fevereiro de 1945. Na primeira, ficaram assentes os planos para a realização de uma verdadeira estratégia combinada por parte da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e da Rússia, contra a Alemanha que se encontrava então no apogeu do seu poderio militar.

Os seus resultados tornaram-se patentes quando, seis meses depois, o general Alexander, desencadeando, em 5 de Maio de 1944 a sua ofensiva em Itália, deu o sinal para o assalto à fortaleza europeia. Um mês depois, em 6 de Junho, os aliados desembarcavam nas praias da Normandia e iniciavam a invasão da Europa pelo ocidente. Decorridos menos de um ano, o Reich, que assombrara o mundo com o poder da sua máquina militar, aceitava a rendição incondicional em 7 de Maio de 1945.

Em Fevereiro de 1945, nas vésperas da vitória, voltaram a reunir-se em Yalta os chefes das grandes potências. Já então se não tratava de estabelecer as condições em que a Alemanha seria batida. A derrota deste país não ofereceria quaisquer vidas. Mas era necessário assentar nas condições em que, depois dela, se daria satisfação às exigências de toda a ordem criadas pela intensidade e pela duração da luta na Europa. O acôrdo que se estabeleceu, embora posteriormente tivesse de ser sujeito a vários esclarecimentos e rectificações, nem por isso deixou, na altura em que foi concluído, de exercer uma influência salutar na marcha das operações militares.

O OBSERVADOR

Esgotado, desde a primeira hora, o número do *Mundo Gráfico* dedicado à Vitória das Nações Unidas, na Europa, queremos agradecer aos nossos leitores — e foram muitos e muitos — a amabilidade das cartas que nos enviaram felicitando-nos. Foi um êxito que — dizemo-lo com legítimo orgulho — raras vezes tem sido alcançado por publicações semelhantes, com uma tiragem excepcional que, apesar de tudo e infelizmente, não chegou para satisfazer os milhares e milhares de pedidos que recebemos. Os nossos agradecimentos, também, a todos os colaboradores que nos deram concurso tão valioso.

Não queremos deixar de registar, porém, entre centenas de felicitações, uma carta mais ou menos anónima, salientando determinada omissão. Apenas este comentário: é muito fácil a coragem, mais ou menos anónima, de escrever cartas. Quanto a nós, que temos o nosso nome em letra de fôrma, bem legível, nesta revista, desde o primeiro dia — nos tempos do «sangue suor e lágrimas» — não receámos o campo de concentração que nos aguardava se Portugal houvesse tido — e felizmente que a não teve — a mesma sorte de tantas pequenas nações ou se... não tivéssemos podido fazer este número... O resto, deixamo-lo à inteligência do correspondente mais ou menos anónimo, se é que alguma vez a teve...

Como os nossos leitores vêem, por este exemplar do *Mundo Gráfico*, não foi publicado o número normal de 30 de Maio, sendo este o n.º 112.

Eleições em Inglaterra

No dia 5 de Julho vão realizar-se, em Inglaterra, eleições gerais para a designação do novo Parlamento. Há aproximadamente, dez anos que o eleitorado britânico não era chamado a exercer os seus direitos e, quando outras razões não houvesse, esta bastaria para dar importância e relevo ao acontecimento que se anuncia. Mas, além da sua significação nacional, as próximas eleições britânicas são atentamente seguidas por toda a parte onde o prestígio da Grã-Bretanha, realçado pelo brilho das suas recentes vitórias militares, não deixou de se accentuar durante os últimos tempos. Na vida internacional, a próxima consulta ao eleitorado britânico deve reflectir-se em condições, que por enquanto não é possível prever, mas de muito interesse.

MUNDO GRAFICO

Director: ARTUR PORTELA

Chefe de Redacção e Editor: REDONDO JÚNIOR

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240

Revista Quinzenal

Propriedade do Mundo Gráfico, L.º

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1850

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O QUE SE PASSA NA ALEMANHA

O território do Reich encontra-se completamente ocupado pelas forças militares das nações vitoriosas. Ao norte e ao sul, a leste e a oeste, são os soldados aliados que patrulham as cidades.

Passada a hora da luta, que foi sem tréguas e sem quartel, o espectáculo da Alemanha vencida constitui um incitamento para que o seu povo deixe de pensar, duma vez para sempre, no sonho de dominação universal que, já por duas vezes, num quarto de século, abrasou o mundo nas chamas de duas conflagrações. Os vencedores vão administrar e governar a Alemanha durante um período de tempo imprevisível. Não está, naturalmente, nos seus projectos, cometer os excessos nem praticar as violências que o Reich nacional-socialista permitia aos outros povos. Mas, seria ingenuidade supor que serão capazes de permitir a repetição dos erros e das faltas que, há vinte e cinco anos, fizeram naufragar a vitória custosamente conquistada nos campos de batalha.

Todas as regiões, económicas e industriais, zonas de produção agrícola, etc. são



O fim do governo fantasma de Flensburg. Os almirantes Von Frieburg e Kummetz, pouco antes do chegarem ao quartel general aliado, onde ficaram como prisioneiros. O primeiro suicidou-se tempo depois



Este é o dr. Robert Ley, ministro do trabalho de Hitler, tal como foi capturado, quando tentava esconder-se. Como se vê, procurava um disfarce, deixando crescer a barba



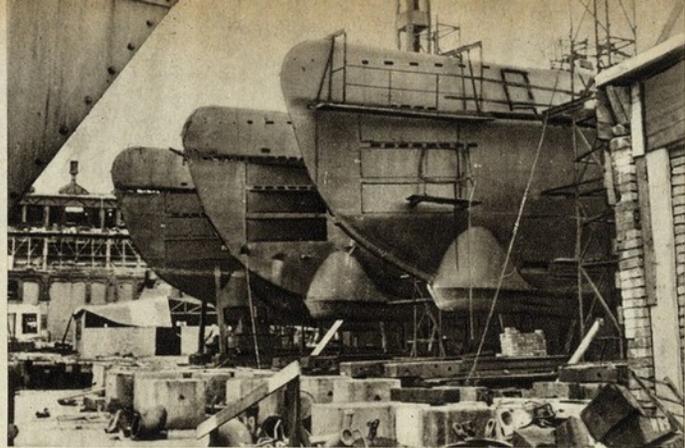
A rendição total e incondicional. O marechal Keitel ratifica o termo da rendição, em Rheims



O almirante Doenitz, chefe do governo fantasma de Flensburg, no momento de ser feito prisioneiro pelos soldados anglo-americanos



O que lhe diz, leitores, a fisionomia desta alemã, que era guarda no campo de concentração de Belsen?



Quando as forças inglesas entraram em Hamburgo, encontravam-se nas docas secas alguns submarinos alemães que nunca chegaram a sair para o mar. A Alemanha já estava vencida

dirigidas e administradas pelos vencedores. Este facto criou uma situação nova, inteiramente diferente daquela que se verificou, no fim da guerra de 1914-18. Então, a Alemanha não foi ocupada e, rapidamente, foi possível verificar como essa falta se traduziu em consequências irremediáveis. Os alemães, vencidos, tiveram a sensação errada de que eram vencedores e não foi difícil aos mentores de um nacionalismo exaltado e ambicioso demonstrar aos seus compatriotas que, longe de terem sido derrotados, eles eram, de facto, os vencedores, visto que, depois haverem perdido a guerra tinham conseguido ganhar a paz.

Deve evitar-se uma nova guerra

A revelação das cláusulas militares do armistício imposto pelos Aliados ao Reich, e não negociado como aconteceu em 1918, pois a fórmula de rendição incondicional e a única aplicável ao caso alemão, veio demonstrar até que ponto os vencedores estão decididos, neste momento, a evitar que voltem a repetir os erros e os descuidos que precipitaram o



Uma casa camuflada pelos alemães, numa floresta, e onde pretendiam refugiar-se alguns chefes nazis. Tudo inútil, porém. Em qualquer ponto onde se tivessem escondidos, haveriam de ser descobertos



Prisioneiros alemães, aos milhares, passam sob o arco de Brandeburgo, em Berlim



Belsen deixou de existir. Esta cidade e da morte, como as outras, foi destruída pelo fogo purificador

mundo pela segunda vez numa catástrofe sem precedentes.

Foi em território alemão que se reuniu, pela primeira vez, a Comissão de Fiscalização Inter-aliada, da qual fazem parte os mais prestigiosos chefes que conduziram à vitória as forças das Nações Unidas. A essa Comissão foi cometido o encargo de restabelecer a ordem no interior da Alemanha, e, com o objectivo fundamental de criar as condições que devem impedir a reincidência dos alemães na sua política de expansão territorial e de anexações periódicas e irresistíveis.

A delimitação das zonas de ocupação

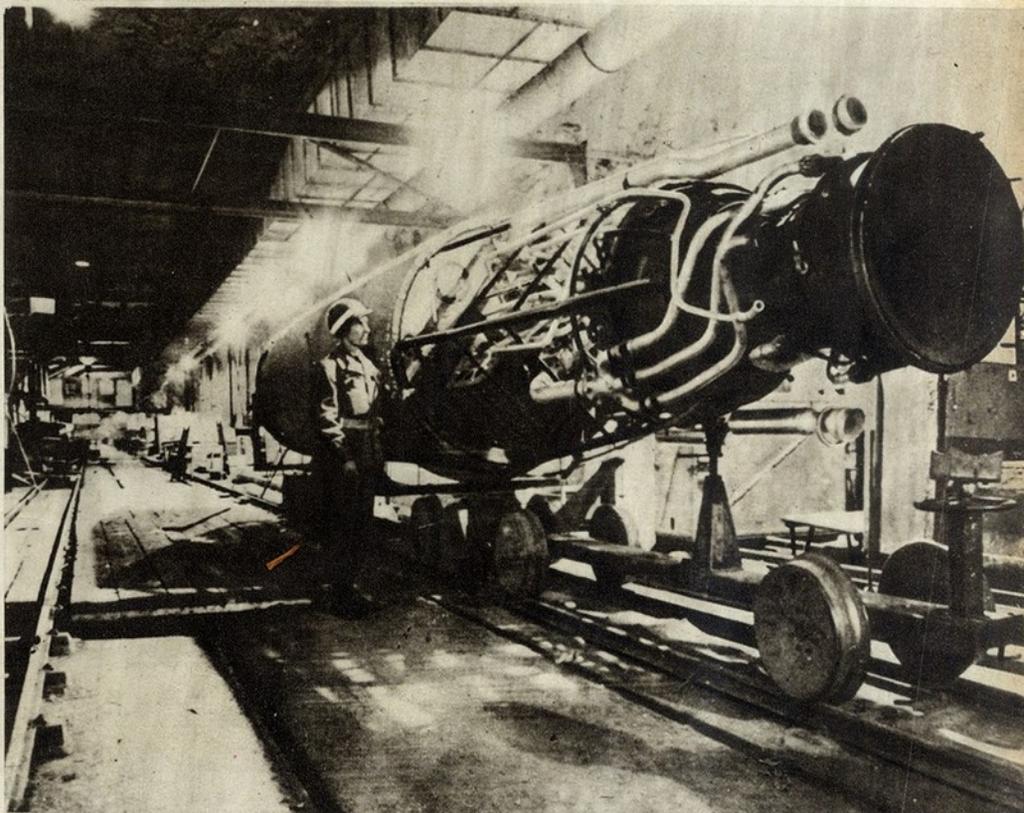
A delimitação das zonas de ocupação, a administrar por cada um das grandes potências vencedoras, foi feita de acôrdo com a marcha dos exércitos, durante o período mais intensivo das operações militares aquêlo que precedeu, de perto, o desmoronamento da resistência alemã e precipitou o fim da guerra na Europa. Descontado um ou outro pormenor, pode dizer-se que essa delimitação correspondeu, praticamente, à marcha dos exércitos vitoriosos no interior da Alemanha. O caso da França foi devidamente considerado, e a nação francesa colocada em pé de igualdade com as restantes grandes potências vencedoras da guerra. Este resultado não deixará, certamente, de contribuir para desanuviar a atmosfera internacional que chegou a estar relativamente tensa durante as últimas semanas.



As bombas da R. A. F. atingiram em cheio os quartéis subterrâneos de Kiel



Sobre a bandeira nazi ergue-se, vitoriosamente, o pavilhão de Inglaterra



Uma das fábricas nazis onde se construíam bombas voadoras



Mrs. Schusning (à direita) e seu filho, nascido num campo de concentração, foram também libertados



Almirante Wagner, que fazia parte do suposto governo de Doenitz, é interrogado pelo capitão inglês David Coleman

FIGURAS DA GUERRA



Leon Blum e sua esposa depois de libertados



Um grupo de franceses salvo das garras nazis. Da esquerda para a direita: Paulo Reynaud, general Meauliffe, madame Weygand, general Gamelin, Eduardo Daladier e general Weygand



O chanceler austríaco Kurt Schuschnigg que Hitler encarcerou



O pastor Niemöller que, corajosamente, pregou contra o nazismo, depois de libertado



Daladier que saiu do cativeiro conversa com o general americano, Meauliffe. Ao fundo vê-se Weygand

O nome do major Clemente Attlee figura na lista das distinções honoríficas concedidas por virtude da dissolução do Parlamento da Grã-Bretanha. A sua acção desenvolvida na Câmara dos Comuns, durante um período prolongado que abrangeu dez legislaturas, e no governo de coligação nacional em que ocupou as cadeiras do poder durante cinco anos, justifica amplamente a distinção que lhe foi conferida pelo rei Jorge VI.

Entre 1940 e 1945, o major Attlee desempenhou, com um apurmo que lhe valeu as homenagens de correligionários e adversários políticos, o espinhoso cargo de vice-Primeiro Ministro. Por mais de uma vez teve de substituir, em momentos delicados da vida inglesa, o chefe do governo obrigado a ausentar-se para tomar parte em reuniões e conferências internacionais da maior importância. Sempre executou essa tarefa com um sentido apurado do Interesse nacional e das suas exigências. Quando da recente crise ministerial em Inglaterra, Churchill aproveitou a oportunidade que se lhe oferecia para prestar, a esse respeito, o tributo de gratidão que, em nome do país, julgou devido à acção pessoal do major Attlee. Este por sua vez, ainda não deixou de se referir, em termos mais elogiosos, à direcção do Primeiro Ministro.

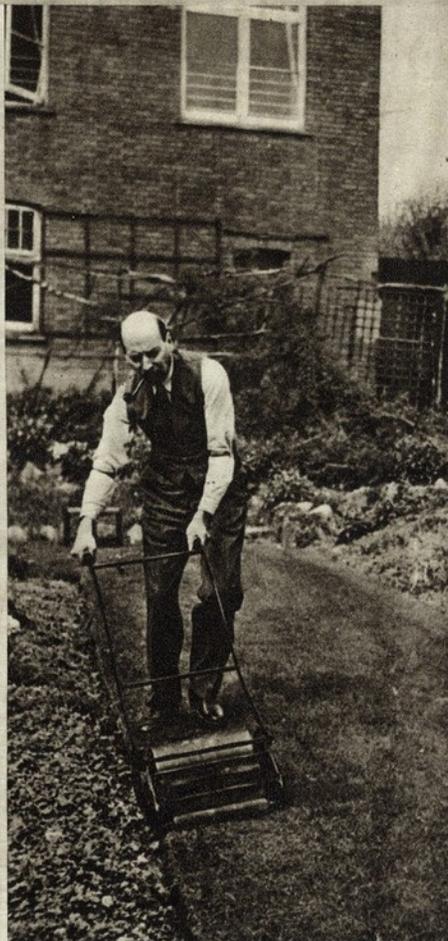


Clement Attlee, com sua família. A esposa do chefe trabalhista é a que enverga o uniforme de comandante das V. A. D. e serve o chá. O jovem Martin, que tem 17 anos, é cadete da Royal Navy

ATLEE, CHEFE DO PARTIDO TRABALHISTA



Quando Attlee era capitão do South Lancashire Regiment, durante a guerra de 1914-18



É o próprio Attlee que cuida do seu jardim. Reparem como maneja, como o mais hábil jardineiro, a máquina de aparar a relva dos canteiros



O chefe trabalhista, que não larga o seu cachimbo, no jardim da sua residência



Não é um desejo rubro de prazer. É qualquer coisa de irrealmente melancólico a perturbar a alma insaciada de modernos Romeu e Julieta

FANTASIA DE UMA TARDE DE VERÃO

Dir-se-ia que êste par admirável de bailarinos é uma subtil coluna de fumo, que o vento agita em inverosímeis caprichos de beleza



Neste fundo, que o capricho da côr tornou cenográfico, estas bailarinas completam o «ambiente» arquitectónico do quadro



A Índia de beleza e de mistério é evocada no fundo desenhado pela traça monumental e, também, pelas atitudes impecáveis dos intérpretes

TALVEZ não seja exagêro afirmar que a dança é a expressão material da arte que mais se presta a múltiplas criações. Como a escultura, que modela e corporiza almas, a dança, igualmente, realiza a harmonia das formas. Se naquela a expressão é traduzida na eufonia das linhas e dos contornos, na dança essa virtude transparece mais vincadamente porque é escultura viva.

Pode a música — e assim é, de facto, — descrever um estado de alma, dar, illusoriamente, a côr de uma paisagem, um pensamento triste ou alegre. Mas, cremos, a dança que participa da graça escultórica e do mistério da música, consegue ser mais expressiva no seu vôo criador e ilimitado.

Falar da dança é o supremo encanto, a fascinação dos que se deixam prender ao seu versátil feitiço. No entanto, nem tôdas as sensibilidades lhe são propicias. E se êste caso se dá é porque



Dir-se-ia uma dança vertiginosa de uma tribo em paragens longínquas da América eternamente mûca e progressiva — até nas suas mais queridas e antiquadas tradições



Os olhos perdem-se no fugitivo da harmonia aliada da figura



Estátua viva de carne em que a arte não permite, sequer, pensar no pecado

sonho que divinizou Duncan e Palova, não teve o entendimento das almas comezinhadas.

Ramsky e Yolanda são dois notáveis artistas, cujas realizações coreográficas os tornam diferentes de muitos outros saltarelos.

Repare o leitor na verdade harmônica e viva destes ballados e, decerto, concordará conosco. Isto é: que são precisos um raro poder de graça, um mistério interpretativo dos movimentos, a branda delicadeza das suaves atitudes, o sentido perscrutador de um sentimento.

Através dos passos embaladores destes quadros de viveza e de encantamento, reflecte-se todo o espírito dos artistas. A graça, o amor, a doce melancolia das tardes outonais, a luz alacre e viva da Primavera, a sombra velada de um beijo desejado: força instintiva de viver e até a dúvida ennegrecida de uma ideia lutuosa, tudo o que tornou imerrodolro o gênio criador da Grécia transparece nestes quadros evocativos na sua interpretação

coreográfica. Se a escultura possuísse o sôpro vivo que anima a dança, o artista teria encontrado o mistério de tudo traduzir através dos movimento ritmos da arte do movimento.

E' de crer que, decorridos milênios, as criações coreográficas gregas não sejam hoje menos relembradas do que os feitos dos seus generais. E o facto dá-se porque a arte, quanto é bela, tem o poder da sua eternização. Quantos homens dos nossos dias, enlouquecidos pelos «swings» e outras demonstrações de ritmo mais ou menos saltitante, não se recordem que sem as atitudes estatuárias das dançarinas gregas, a dança não existiria.

Ainda por estranho poder da sua influência através dos séculos, ainda não foram completamente esquecidos os qua-

dros estéticos formados por frisos impecáveis de forma e de beleza plástica. Será, possivelmente, a «alma» da Dança a impôr-se e a desenhar num ou noutro passe harmonioso a sua eternidade.

Não há neste ligeiro comentário a distinção a separar o passado do presente. Há, sim, um confronto que nos parece útil como esclarecimento. Nem seria de bom julgamento — desde que se trata de dança — esquecermos as deslumbrantes criações de outros tempos longínquos, nem exaltar tão sômente o que é dos nossos dias. Porque não são melhores nem piores as de ontem nem as de hoje — são simplesmente diferentes. Assim é e será enquanto o ser humano viva no eterno anseio de renovar as suas concepções sejam quais forem os seus designios artísticos.



A vida e a morte, numa comunhão receosa

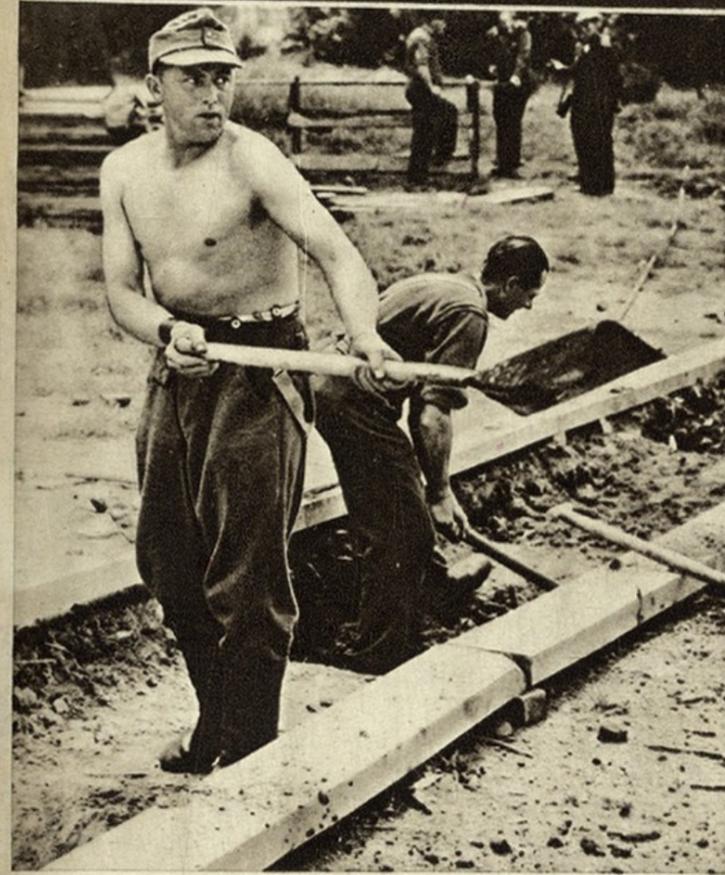


Que bem se cõjugam o movimento estatuario das figuras com a leveza das armas. E, como o florete foi gracioso, ante substituído pelo montante

PARA ALÉM DA VITÓRIA



O general Kunstedt, que Montgomery derrotou, ostrosadamente, na frente ocidental, foi capturado pelas tropas americanas



As destruições causadas pelos alemães na Europa são grandiosas. Soldados nazis em Londres, abrindo os caboucos para a construção duma casa



RENDIÇÃO INCONDICIONAL

Os alemães que entraram como dominadores na Holanda, querem ocultar agora a sua derrota aos olhos do fotografo. Esta fila de dorsos caídos é, porém, bastante significativa



A senhora Hermann Goerring, esposa do marechal Reich, em Am See, na Austria, onde ele e seu marido se contravam escondidos

O marechal Montgomery faz a continência à cavalaria aliada na tribuna de honra ao lado do marechal Rokossov

A CASA CASTANHA DEIXOU DE EXISTIR

Soldados americanos inspecionando as ruínas de Braunschweig, sede do extinto partido nazi, em Munich, cidade que foi ocupada pelo 7.º exército. A casa, anteriormente denominada Palácio Barlo, foi ocupada pelos nazis antes de julho de 1930, e funcionava como quartel general político desde 1 de janeiro de 1931



O MATERIAL INGLÊS SUSTENTOU AS OFENSIVAS

Os comboios navais ingleses transportaram para a Rússia milhares de toneladas de material. A entrada dos portos o gelo tinha de ser quebrado para os transportes passarem



Himmler, o famoso chefe da Gestapo, depois de preso, suicidou-se ingerindo uma ampola de cianeto de potássio escapando assim ao julgamento como criminoso de guerra

A OCUPAÇÃO DA ALEMANHA

As tropas das Nações Unidas encontram-se perto de Griebel, no coração do Reich. O inimigo fôra vencido



Os Reis de Inglaterra, acompanhados de suas filhas, visitaram, há dias, Edimburgo, onde foram acolhidos entusiasticamente. Milhares de crianças entoavam hinos e agitavam a bandeira nacional



O regresso do avião inglês «Ariete» que voou quatro mil milhas, para fixar o polo magnético e o polo norte geográfico. O comandante Mackinley ao desembarcar na base de Shawburg





HERÓIS AMERICANOS EM GUADALCANAL

A HISTÓRIA HERÓICA E ARDENTE
DE DOUG MUNRO COM OS
FUSILEIROS NAVAIS

NA guerra do Pacífico os fusileiros navais têm mantido brilhantemente a tradição de serem sempre os primeiros a desembarcar. Mas, os navios chamados guarda-costas é que tratam das operações de desembarque: estes soldados tripulam os barcos que transportam os fusileiros navais, e quando estes se encontram em maus lençóis é ainda ao guarda-costas que compete retirá-los. Douglas Munro, natural de Washington, sinaleiro guarda-costas, de primeira classe, auxiliou o desembarque em Tulagi, perto de Guadalcanal, dirigindo dez barcaças para salvar fusileiros que se encontravam numa praia. Munro morreu, mas os fusileiros escaparam.

Sob fogo denso dos japoneses, os guarda-costas enviavam, vaga após vaga, fusileiros para as praias de Tulagi. As primeiras três vagas foram dizimadas pelos japoneses, mas nas suas barcaças Higgins, os guarda-costas desembarcaram mais camaradas. Conseguiu-se uma testa de ponte e Doug Munro desembarcou e

montou um posto sinaleiro, e estabeleceu comunicações entre as forças de terra e mar. Quando os fusileiros apreenderam uma central eléctrica inimiga, Munro conseguiu rapidamente pô-la a funcionar. Quando o inimigo foi varrido de Tulagi, Munro foi transferido para as forças que operavam em Guadalcanal as quais comba-

tiam rijamente. Prestando serviço na base de abastecimento naval em Kukum, aceitou como voluntário várias perigosíssimas missões. Quando era necessário um posto avançado na costa, Munro carregou o seu barco Higgins com fusileiros e levou-os a salvo através de 35 milhas de mar, completamente varrido pelo fogo do ini-

migo amarelo. Alguns aviadores da marinha foram forçados a aterrar perto da ilha de Savo. Munro acompanhava a tripulação que ia em seu auxílio. Notando actividade em terra, a tripulação aproximou-se do território ocupado pelos japoneses para saber do que se tratava, transmitindo informações preciosas aos bombardeiros



A noite vasos de guerra japoneses aproximaram-se para bombardear as posições americanas. Na torre de sinaleiro, porém, Munro vigiava, procurando fixar pelos relâmpagos das peças a posição dos barcos nipônicos, que se encontravam em Lunga Point. Imediatamente, transmitiu as referências ao seu comandante que, pelo telefone, as comunicou às suas baterias. Os holofotes japoneses fixaram-se na torre e as granadas começaram a abentar perto, mas Munro não abandonou a sua posição



Munro desembarcou 225 fusileiros numa praia japonesa em pleno dia, retirando depois com os seus barcos para Kukum. A meio da tarde trouxe a notícia de que esmagadoras forças japonesas pretendiam repelir a expedição para o mar. Organizou-se um pequeno Dunquerque e Munro, com notável pericia, comandou essa desesperada operação. Com dez Higgins, seguiu para junto dos fusileiros, que se encontravam bloqueados. No caminho, encontrou-se com um destroyer americano de bordo do qual lhe gritaram: «Você nunca chegará lá!...» Ao que Munro responde: «Então preparem-se para ver!»



Enquanto as metralhadoras japonesas vomitavam fogo atravessado, Munro lançou-se com a primeira vaga. Pôs pé em terra, carregou o barco e retirou-se preparando-se para arranjar cobertura para as outras vagas. Com grande audácia apontou a metralhadora para os ninhos nipônicos que se encontravam em terra. Levantou-se e avisou os outros barcos para entrar. Tirou o capacete, possivelmente, para ver melhor. Uma bala japonesa atingiu-o na cabeça atirando-o para dentro do barco



O seu ajudante Ray Evans assumiu, então, o comando, retirando a maior parte dos fusileiros. Rapidamente, levou-os para Kukum. Munro morreu, quando o seu barco voltava à base. O médico aproximou-se rapidamente, e examinando-o à luz de uma lanterna abanou a cabeça. As últimas palavras de Munro dirigidas a Evans foram: «Conseguimos tirá-los de lá?»



Para receber os soldados britânicos, as heroicas defensoras de Varsóvia vestiram os seus uniformes. Uma rapariga cozinhando em pleno campo. Ovos?! Que fortuna!



uma graciosa polaca de sentinela no campo.



Dois crianças, filhas de pais polacos nasceram no campo.

BONITAS E HERÓICAS



A mãe e o filho são ambos soldados.



A alegria da libertação.

MIL e setecentas mulheres polacas que, heroicamente, defenderam Varsóvia, foram depois capturadas pelo invasores alemães que as internaram num campo de concentração. Ali viveram e sofreram, cruelmente, durante cerca de cinco anos, até que chegaram os soldados britânicos que as libertaram. Se como soldados da sua pátria, nunca mostraram ao invasor do seu país, o rosto abatido, quando apareceram os britânicos o seu entusiasmo foi indescriptível. Imediatamente, tomaram conta do acampamento, estabelecendo patrulhas armadas para o que desse e viesse. O seu cativoiro, porém, acabara finalmente. Serviços de saúde, distribuição de víveres, "munsery" — tudo foi estabelecido modelarmente através da mais estrita disciplina. Como vêem o heroísmo das polacas rivaliza com a sua beleza!

Nesta página vêem-se algumas imagens, colhidas em flagrante, desta curiosa cidade feminina.

A MÁSCARA DO PRISIONEIRO



Este soldado americano, que foi aprisionado o ano passado, na batalha das Ardenas, foi internado num campo de concentração perto de Limburg Comia, diariamente, apenas uma refeição: um caldo com batatas por descascar e uma quantidade insignificante de pão. Libertado por forças da 9.ª coluna motorizada, do 1.º Exército americano, encontrava-se num estado extremo de fraqueza. Um oficial yankee disse: — *Parece que a morte lhe passou por cima!*



Tommy Trinder, Robert Wyndham e Betty Warren, numa cena da comédia «Champagne Charlie»



Uma imagem de «A cidade do Futuro» (They Came to a City) de que são principais interpretes Googie Withers e John Clements, segundo a peça de J. B. Priestley

O CINEMA INGLÊS

NA GUERRA E NA PAZ

NUNCA é demais encarecer a gigantesca contribuição prestada pelo Cinema à causa por que se bateu, e ainda se bate a Grã-Bretanha.

Desde a primeira hora, o Cinema pôs todos os seus extraordinários recursos ao serviço da guerra, quer estabelecendo a ligação entre todos os sectores da vida nacional, por meio dos filmes «flashes» de um minuto que levaram à grande massa da nação as instruções do Governo sobre os mais variados assuntos quer formando uma forte e homogênea consciência cívica por intermédio desses admiráveis documentários como «Londres Resiste», «A Pátria Inglesa», «Malta Heróica», «V 1», etc., que serão apontados, de futuro como exemplo, pela sua sinceridade e poder emotivo.

E', igualmente, digna de todos os louvores a magnífica organização das casas

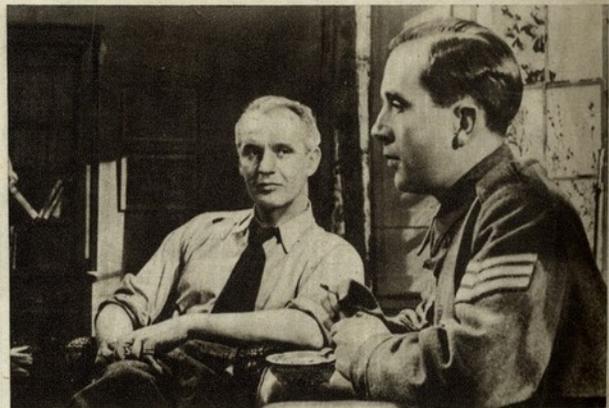
produtoras de jornais de actualidades que, em todas as circunstâncias nunca deixaram de apresentar, em imagens palpitantes, o que acabava de se passar em todos os cantos do mundo. O público português teve ao seu dispor, desde o principio da guerra, os três admiráveis jornais, especiais para Portugal, «Pathé Gazette» (Jornal Vitória), «Gaumont British», e «British Paramount», que se tornaram parte imprescindível de todos os programas.

Mesmo durante a guerra, o Cinema inglês não esqueceu a sua principal missão de entretenimento e educação das multidões.

Assim se produziram algumas dezenas de filmes de cunho acentuadamente britânicos que Portugal verá brevemente e de que damos alguns aspectos nesta página.



A «Vida do Coronel Blimp» é uma das mais emocionantes películas produzidas ultimamente em Inglaterra



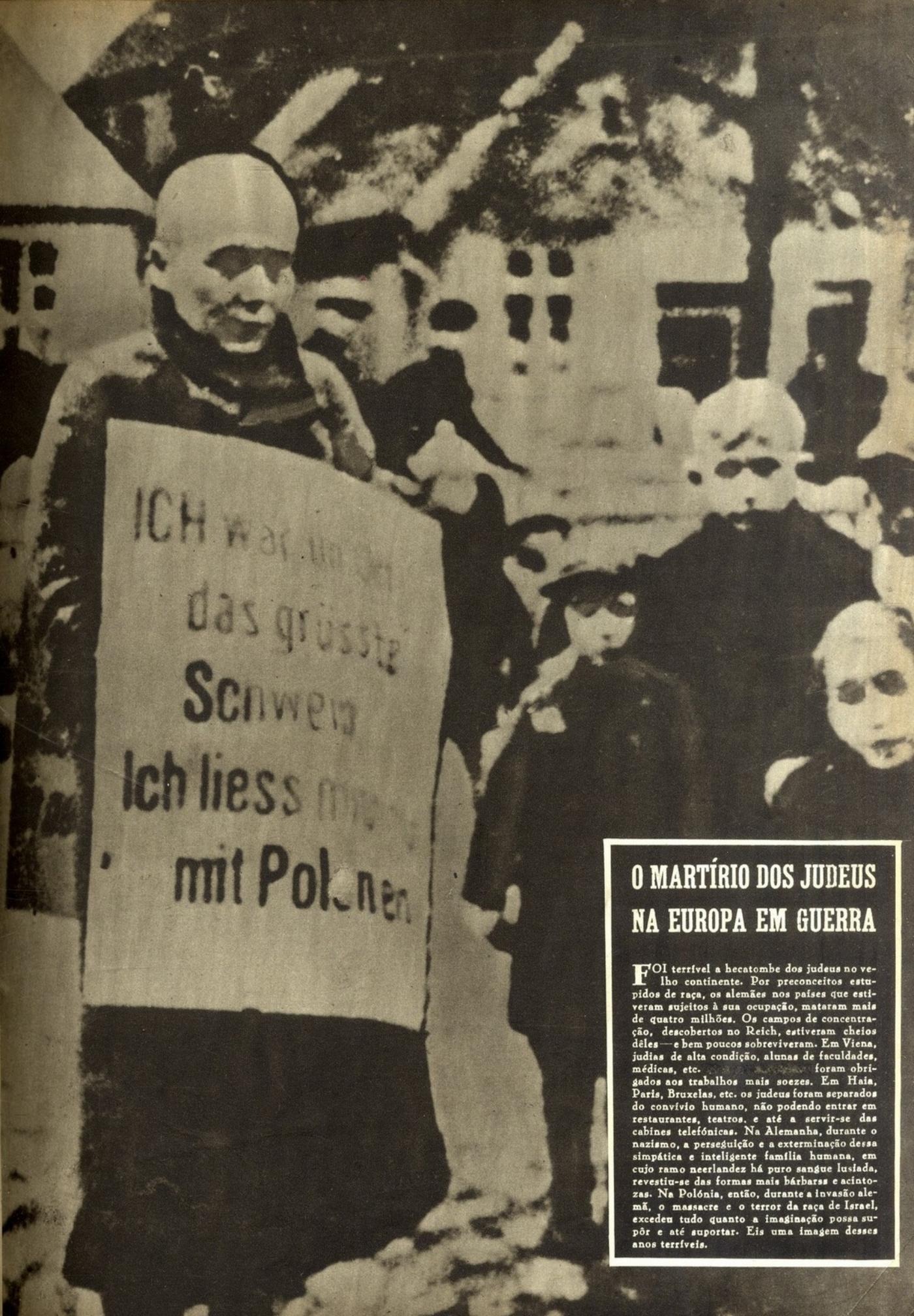
Eric Portman e Denis Prince são os principais nomes masculinos de «Três modernos peregrinos»



Uma cena de «Esta nobre raça» (This Happy Breed) com Robert Newton e Stanley Holloway

«Eram três marujos» (Sailors three) é um dos filmes ingleses de maior êxito →





ICH war im
das grösste
Schwein
Ich liess mich
mit Polen an

O MARTÍRIO DOS JUDEUS NA EUROPA EM GUERRA

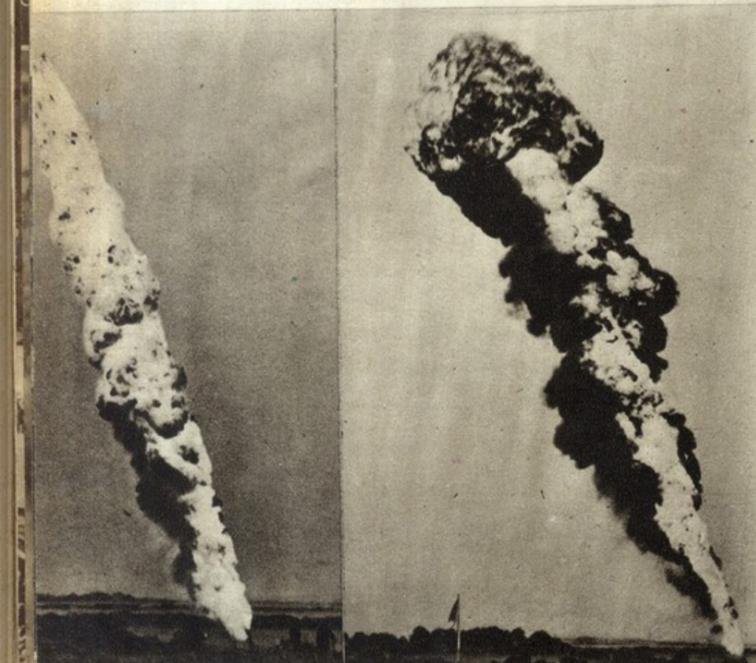
FOI terrível a hecatombe dos judeus no velho continente. Por preconceitos estúpidos de raça, os alemães nos países que estiveram sujeitos à sua ocupação, mataram mais de quatro milhões. Os campos de concentração, descobertos no Reich, estiveram cheios deles — e bem poucos sobreviveram. Em Viena, judias de alta condição, alunas de faculdades, médicas, etc. foram obrigadas aos trabalhos mais soezes. Em Haia, Paris, Bruxelas, etc. os judeus foram separados do convívio humano, não podendo entrar em restaurantes, teatros, e até a servir-se das cabines telefônicas. Na Alemanha, durante o nazismo, a perseguição e a exterminação dessa simpática e inteligente família humana, em cujo ramo neerlandez há puro sangue lusitano, revestiu-se das formas mais bárbaras e acintozas. Na Polónia, então, durante a invasão alemã, o massacre e o terror da raça de Israel, excedeu tudo quanto a imaginação possa supor e até suportar. Eis uma imagem desses anos terríveis.



Foi nestas casas de aparência «inofensiva» que começou a formidável «Formação Pluto», nome dado ao grandioso «pipe-line» que da Inglaterra, atravessando a Mancha, levou os milhões de toneladas de gasolina às praias da Normandia e, daí, pela França fora e pela Alemanha, acompanhando a par-e-passo a ofensiva que levou à derrota alemã



Só agora, como a «Formação Pluto», foram reveladas as medidas que a Inglaterra tinha adoptado para impedir uma invasão dos seu território, após Dunquerque. Toda a costa da Grã-Bretanha ameaçada foi envolvida por um anel de fogo intraspionável. Eis um dos documentos fotográficos divulgados, ultimamente



atos de petróleo inflamado galgavam o espaço, constituindo, ao mesmo tempo, uma barreira contra as incursões aéreas. O canal estava bem defendido e a Inglaterra nunca seria invadida



Esta fotografia foi obtida em 1940, depois da queda da França. Nesta barreira lativa nazi

A CIÊNCIA BRITÂNICA DERROTOU HITLER

NO intervalo de duas guerras, a Grã-Bretanha empenhou-se na maior de todas as experiências científicas: nada mais nada menos do que a tentativa de manutenção da paz. Circunstâncias adversas, porém, pesavam fortemente contra ela, visto que Hitler se tinha disposto a lançar o mundo num mar de sangue. Embora ele sempre recessasse a Grã-Bretanha, os seus conselheiros conseguiram convencê-lo de que a Inglaterra era um país decadente, ou que, pelo menos, se viesse a sair do seu torpêr seria demasiadamente tarde.

Uma vez aceito o desafio de Hitler, todos os recursos da Grã-Bretanha foram mobilizados para a guerra total. Deste esforço gigante resultou a maior produção de guerra já alcançada, por habitante, e da melhor qualidade de fabrico, verificada, tanto em países inimigos como amigos. E isto — recordemos — quando o inimigo se encontrava a umas escassas vinte e cinco milhas das praias da Grã-Bretanha, quando os seus portos e as suas cidades estavam sujeitos aos ataques concentrados da Luftwaffe.

Foi, portanto, neste quadro e ambiente que o povo da Grã-Bretanha, a braços com um inimigo formidável e dependendo das rotas marítimas para a sua existência, encontrou calma e tempo para se dedicar às descobertas científicas que ganharam a guerra.

Em 1934, um grupo de sábios britânicos, chefiados por Robert Watson, conseguiram localizar a presença de aviões inimigos por meio de ondas eléctricas de alta frequência. Foi este o ponto de partida para uma nova ciência chamada radiolocalização, ou «radar». Foi só, porém, em 1941, que ao público britânico foi dado conhecer os tópicos do tão maravilhoso invento. «É o Rádio», disse uma vez Lord Beaverbrook, que destói o inimigo na obscuridade, que o procura nas nuvens. É o Rádio que permite enviar os aviões de caça às zonas onde o inimigo se encontra, desbaratando-o e destruindo-o». Os pormenores técnicos da invenção mantêm-se ainda secretos. Pouco mais se pode dizer do que se trata de um método que permite, com rigor, localizar, a distância, objectos ou obstáculos, quer estes se encontrem na obscuridade, no meio das névoas, nevoeiro ou na neve.



go que envolvia as praias inglesas da Mancha, malograrse-ia qualquer tentativa de desembarque

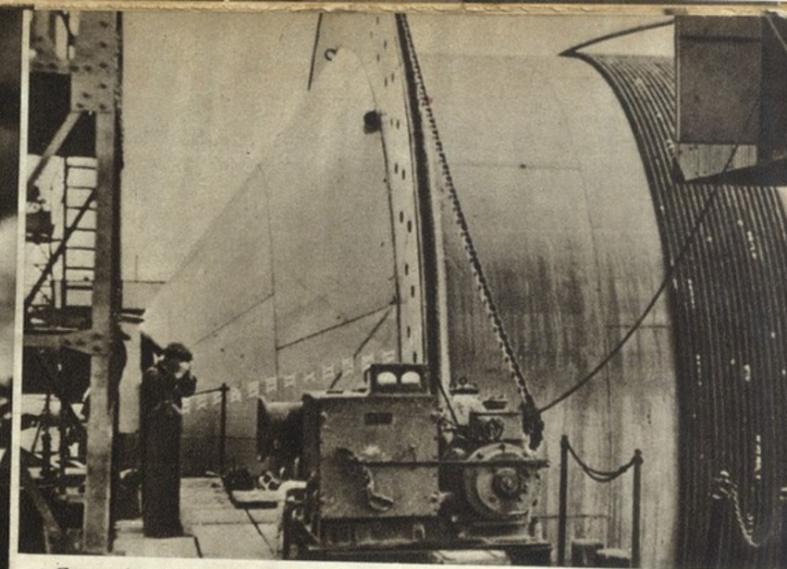
BRITÂNICA DERROTOU HITLER

Intimamente relacionada com a radiolocalização encontra-se a televisão. Foi na Grã-Bretanha que a televisão foi inventada e primeiro posta a funcionar sob o ponto de vista prático. Durante a actual guerra foram aperfeiçoados e desenvolvidos os métodos de transmissão do colorido da imagem, do efeito estereoscópio e nitid. z.

Estas duas invenções vão ter um efeito extraordinário nas nossas vidas futuras, depois da guerra. Aparte do lado recreativo de ambas, novos métodos de protecção e segurança da navegação marítima e aérea, verdadeiramente revolucionários, serão de futuro utilizados. As ondas rádio-eléctricas terão aplicação não só na radiolocalização como também no aquecimento. Um dos problemas que a indústria tem tido dificuldade em resolver é o derivado do excessivo desenvolvimento de calor em substâncias normalmente mais condutoras de electricidade. Por meio das ondas de alta frequência, essas substâncias aquecem de maneira uniforme e regular, através de toda a sua massa, sem necessidade de serem aquecidas por uma fonte externa de calor. Também, a nova técnica resolve as dificuldades verificadas na moldagem de determinadas substâncias plásticas que geralmente não podem ser tratadas com os métodos correntes de aquecimento. A criação do famoso avião de caça «bombardeiro», por exemplo, tornou-se possível graças aos novos processos de aquecimento e perfeita aglutinação dos grãos plásticos nos complicados de madeira com que é construído.

Fotografias capazes de reproduzirem pormenores de 1/100 da espessura dum cabelo

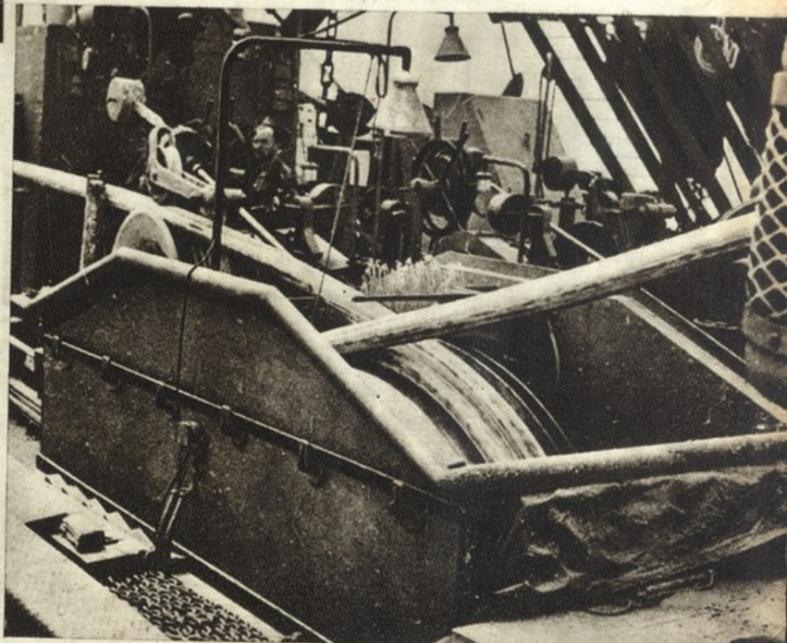
A fotografia também desempenhou um papel muito importante durante a guerra. Ao seu notável progresso deve-se o facto de nós termos sido capazes de desvendar os segredos do inimigo e de havermos podido planejar as nossas campanhas aéreas e terrestres. A precisão da fotografia depende do grau de sensibilidade do nitrato de prata usado nas películas ou nas chapas de exposição. Durante a guerra os técnicos britânicos desenvolveram de tal



Eis um dos enormes «carrinhos de linha» flutuantes que rolaram sobre as águas da Mancha até às praias da Normandia, distendendo quilómetros e quilómetros de canalização de aço, pela qual correram as torrentes de combustível que movimentaram os blindados, os veículos motorizados e mecanizados e os aviões que derrotaram a Alemanha



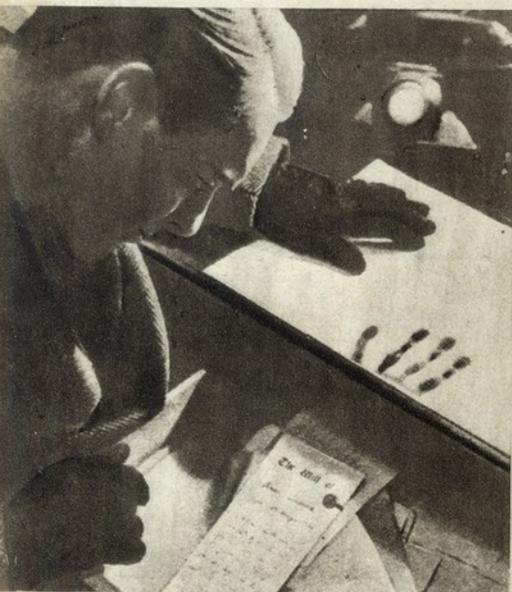
Foi o engenheiro Hartley, chefe da «Anglo-Iranian Co.» quem tornou realidade a ideia de Lord Moutbaten de conduzir gasolina para o continente europeu através do canal da Mancha. Os tubos de aço, de extraordinária flexibilidade, correram através do solo francês, levando o combustível até à frente de batalha



A bordo de um dos navios que colocou os tubos condutores de gasolina sob as águas do Canal. Os alemães nunca suspeitaram desta empresa de envergadura nunca igualada e que os técnicos britânicos realizaram brilhantemente, excedendo as perspectivas mais optimistas

FOTO-CRIME

A MÃO SANGRENTO



O Inspector Foster anotou: restos de uma carta queimada no fogão, um homem morto, deitado no chão a coisa de dois metros e meio da secretária e a impressão sangrenta e nítida da mão de alguém — quem? — no mata-borrão. Morte com uma punhalada no peito, Duncan morreu instantaneamente. O sangue corria ainda. Só quatro palavras conseguira compreender no pedaço de papel tirado do fogão: «Eu deixo e leio...»



MARY, a criada mais antiga da casa deu alguns esclarecimentos ao inspector Foster. Duncan era um inválido crônico. Apaixonara-se pela sua enfermeira. Na manhã da sua morte informara a horrorizada família do seu próximo casamento acrescentando que faria novo testamento. Estavam presentes o seu filho Tom e as duas sobrinhas Eillen e Sylvia



EILLEN declarou: Ouví um grito, vesti à pressa um robe-de-chambre e calcei umas sapatilhas. Desci as escadas e encontrei Tom de joelhos junto do cadáver do tio. Reparei que tinha uma nódoa de sangue na manga do pijama. Quando me viu sussurrou: «Meu pobre pai!» O Inspector pediu a Tom que explicasse a sua presença. Este declarou que, como não tinha sono, desceu para ir buscar um livro. Fizera então a descoberta. Não ouvira o grito, possivelmente, por ter estado à janela



POR sua vez, Sylvia disse: «Dormi sem dar por nada até que Eillen me acordou com esta horrível notícia». O Inspector Foster examinou portas e janelas e não encontrou sinal algum de terem sido forçadas. Mary era, fisicamente, incapaz de praticar a façanha. Havia, pois, de escolher entre Tom, Eillen e Sylvia. O Inspector passou a mão pelos cabelos. Descobriu, não havia dúvidas. Estava identificado o assassino

QUEM FOI O ASSASSINO?

(Ver a solução na pág. 30)

maneira os processos de fabrico dos preparados sensitivos que hoje conseguem-se fotografar, com perfeita nitidez e perfeição, pormenores de 1/100 da espessura de um cabelo.

A nova técnica fotográfica tem utilíssima aplicação no campo industrial, muito particularmente na metalúrgica onde se torna necessário fotografar fatimas particulares de metal. Na fotografia aérea, também, os progressos feitos colocam a Grã-Bretanha à cabeça de todas as nações. As possibilidades de aproveitamento de jazigos de sílcio de extraordinária pureza vem facultar à R. A. F. lentes e vidros ópticos de alto grau de fabrico. Mesmo antes da guerra, é sabido que Hollywood se fornecia de lentes fotográficas britânicas como sendo as melhores do mundo.

Na fotografia a cores também a Grã-Bretanha goza de uma posição de relevo. Enquanto durar a guerra no Oriente, porém, muitos dos trabalhos de investigação científica terão que se conservar secretos.

A razão fundamental porque a indústria de construção de material de aeronáutica na Grã-Bretanha é a melhor do mundo, é devida à perfeição do fabrico de motores. O Rolls-Royce Merlin o motor que permitiu «a tão poucos» ganhar a batalha da Grã-Bretanha, foi objecto de aperfeiçoamento que lhe melhoraram ainda as características. Está sendo construído não só na Grã-Bretanha como também nos Estados Unidos. Escrevendo acerca de assuntos de aviação dizia o major S-veresky, em 1942, no «American Mercury»: os aviões britânicos possuem um maior poder accencial, são mais rápidos e mais poderosamente armados do que os Americanos. Os nossos aviadores que pilotavam aviões de fabrico Britânico travaram combates aéreos a altitudes que pareciam incríveis na América». Mais adiante, nesse artigo, encontrava-se esta outra referência: «existem agora quatro tipos de aviões Britânicos cuja velocidade excede a marca de 400 milhas à hora — os Typhoons, Tornado, Spitfires 5 dispoñdo de compressores de duas velocidades, além de um outro tipo de avião ainda secreto.»

Muito se tem progredido, desde 1942, e o público Britânico ainda há pouco foi informado, por exemplo, das enormes realizações, já atingidas, no domínio dos aviões de propulsão por meio de jacto. Cabe ao Chefe do Grupo Capitão Frank Whittle, da R. A. F. a glória de haver resolvido as grandes dificuldades técnicas que se levantavam na aplicação do princípio da propulsão por meio de jacto. O avião accionado pelo motor de combustão interna já atingiu o limite quasi máximo de velocidade teórica, mas a nova forma de propulsão constitui uma modalidade na qual a Grã-Bretanha desempenhou uma parte de destaque e que abre uma nova era à aviação.

Pontes e estradas que se lançam e constroem num instante

Muitas das invenções que ajudam a Grã-Bretanha e os seus aliados na derrota do inimigo serão de inaleculável utilidade no período que se seguir à guerra. Das destas invenções — as pontes Bailey e os leitos de estradas Sommerfeld — são de particular interesse. As pontes Bailey, por exemplo, constituídas por segmentos desmontáveis e portáteis, são susceptíveis de ser montados em 24 horas e capazes de suportar o mais intenso e pesado tráfego de veículos militares. As partes componentes são apenas de

(Continua na página 30)



Dois chapéus que são modelos de elegância

PÁGINA FEMININA DE AURORA JARDIM

VEM AÍ O VERÃO

PARA o verão, um ou dois casacos bastam. Mas vestidos, é preciso muitos. Para a rua menos vistosos; no praia, no campo, nas termas muito claros. Os de tarde são, quasi sempre, guarnecidos com drapeados, ora nas ancas ora no peito, conforme é o corpo que vestem.

Nas costas, vêem-se pregas fundas, sobretudo nos vestidos de sêda natural, que pouco enche. Alguns corpos blusam atrás.



Dois belos conjuntos do Harper's Bazaar



Um maravilhoso vestido de noite num ambiente requintado

As mangas compridas podem ter muita roda quando não há drapeados nas ancas, senão encheria imenso tal feltio. As de «presunto», acompanham os corpos com espelhos ou peitilhos de renda.

Os estampados, embora menos exagerados que os lisos, mantêm-se também dentro da linha da moda, sendo igualmente alvo dos requintes da agulha.

Que o estilo do estampado também influe muito no feltio. Pode fazer-se um pouf, a *tournure* com tecidos de pintinhas, luas, flôres... mas nunca com desenhos geométricos ou futuristas.

Os decotes são grandes: redondos, quadrados, bicudos. O quadrado só pode ficar bem sendo muito aberto, por isso se permite a orla de renda atenuando e tornando normal.

Misturam-se estampados com sêdas lisas, mas é muito difícil acertar: quem não estiver seguro do conjunto, deverá abster-se de tais combinações.

O que fica sempre bem às raparigas é a saia estampada, com muita roda, e a blusa lisa e singela.

As riscas tem sempre o mesmo destino sóbrio e seguro: o vestido camiseiro. É encantador ver uma bela sêda natural num género tão sóbrio.

Os aventais, que se usam há tanto tempo, ainda não abandonaram o cartaz da moda; vêem-se sempre mas mais curtos.

As canadianas também se continuam a usar e tanto se põem sobre o vestido liso como sobre o estampado. São sempre de uma só côr, geralmente clara.

Aí vem o verão: aqui estão as novidades.



Swing
nally

UM PERFUME MODERNO

APA



J. H. SARAIVA

“Vento vindo dos Montes,”

Contos de José H. Saraiva

NÃO pode afirmar-se convictamente que a difícil expressão literária que é o conto, tenha hoje muitos e apreciáveis cultores.

O conto é, toda a gente o sabe, uma das mais belas realizações da literatura. Parece que o conto não tem sido, nas recentes correntes literárias, a maneira que mais tem fascinado o escritor.

Já alguém sentenciou que ele é para a prosa o que o soneto é para a poesia. Quere dizer: em duas ou três páginas de um conto pode caber o tema de um romance; como em catorze versos se encerram algumas vezes impressionante drama sentimental ou um conceito digno de um longo tratado de filosofia.

Não obstante a dificuldade da sua exposição formal e ideática, o conto tem sido tentado vários dos nossos prosadores. E, diga-se a propósito, alguns merecem, de facto, a designação justa de contistas.

Podemos, sem favor incluir nesse número José H. Saraiva, autor do livro agora publicado «Vento vindo dos Montes», a que a livraria «Latina» acaba de conferir o primeiro prémio do «Concurso dos Contos», instituído por aquela casa editora.

Dos dez contos de que se compõe o volume não será de bom julgamento citar preferentemente este ou aquele. Todos reflectem um admirável poder perscrutador e são tratados com invulgar cuidado formal, traduzindo com humanidade as figuras que neles vivem a sofrer ou a sonhar.

«Vento vindo dos Montes», pode, pois, ser incluído no número dos bons livros ultimamente publicados. E muito é de desejar que o seu autor, após esta superior manifestação literária, compreenda o dever que se impõe de continuar a escrever páginas vivas como a que nos deu neste seu recente volume de contos.

Se assim fizer podemos, sem receio, assegurar-lhe um destacado lugar no nosso mundo literário. Nada lhe falta para o conseguir.

Os temas escolhidos e a clara exposição que põe nos sentimentos e nas paixões dos personagens dos seus contos reservam-lhe esse direito.

ONTEM E HOJE

por AUGUSTO RICARDO

Falta de hábito

UM velho escritor que era ao mesmo tempo um ironista contudente, encontrou em certo dia um jovem poeta de seu recente conhecimento, que lhes pediu para ler e dar-lhe opinião desassomburada acerca de uma produção escrita «num dos seus momentos inspirados», esclareceu o nóvel plúmivo.

A pessoa solicitada, leu, leu... e depois, de ler, deu-lhe a seguinte resposta:

— Tudo isto me parece digno de elogio. Há, porém, uma falta no que o senhor escreveu.

— Que falta? Quis saber o outro.

— A ausência de ideias.

— Oh! de facto, não pensei, nisso l...

— Pois, habituou-se a pensar antes de escrever.

— Não posso — confessou o jovem. Uma vez quis experimentar, mas fiz-me doer tanto a cabeça!

Velha herança

A CERCA da dignidade, dizia uma personagem de um velho livro romântico que lêramos na nossa meninice, que esse «excesso de pudor» tem sido o maior e o mais nocivo malefício que pode atear o homem que pretende ser diferente da maioria dos semelhantes.

Esta reminiscência da antiga leitura, apesar de diluída, ainda hoje nos faz pensar no seu significado.

Ora, a sentença já tem cabelos brancos; isso, porém, não quer dizer que ela não tenha rejuvenescido e não se haja adaptado, utilitariamente aos tempos decorrentes.

A respeitável opinião

CREMOS ser a crítica expressão livre de julgar dentro de um conceito objectivo e sem a pretensão da imutabilidade dos juízos emitidos. Se os indivíduos que ao estudo de obras literárias, científicas ou sociais, dedicam a atenção espiritual no intuito de as compreender no que elas contém de clareza e de ideias, revelassem maior e mais claro entendimento no modo de julgar, talvez a missão nem sempre simpática de criticar não fôsse coisa tão azedamente desdenhada.

As conclusões seriam: ou de aceitar ou discutíveis, segundo a sensibilidade e a cultura de cada um.

Todavia, assim não parece suceder. Pois sempre que um crítico se mostra irrefutável, se crê na posse da única verdade, não tarda que à sua volta não se juntem e gravitem em redor do plutarco numerosos fanáticos concordantes a aplaudir-lo.

Por isso, tantas vezes, a intenção criticadora sai, quasi sempre, se não ennegrecida pelo menos confusa.

Por semelhante facto, acontece, em lugar do intuito perscrutador do julgamento esclarecido, ficar a abstracção inavencível de um dogma. E este, quer se trate de filosofia social, de estética ou de literatura, é imutável — porque é dogma.

Ora, discordar, opondo a um conceito estabelecido outro antagónico, não é do gosto de toda a gente. E, neste caso, a verdade própria é indiscutivelmente verdade impositiva.

De modo que, em muitas circunstâncias, a expressão da verdade é o que este ou aquele pretendem que seja.

O que nos permite escrever, arremedando a consagrada frase de «contra a força não há resistência», estoura não menos expressiva: «contra o dogma não há inteligência».

Há muitos anos que a clareza do raciocínio anda em luta com o «indestrutível»; isso, porém, não evita que, ainda hoje, um forte poder de incompreensão pese sobre a clareza insaciável daqueles que pretendem interpretar a existência com inquietadora inquietação humana.

Vem de milénios essa interrogação que prende e perturba o homem, que não pode viver, apenas, sob o estatismo de tudo que é ou pretende ser dogmático.

Receio infundado

QUASI toda a gente de posição foge das pessoas mal vestidas.

Um pobre diabo de vestes esfriadas, no conceito daquelas pessoas, um malfeitor, um ser de moral indesejável.

Contudo, se fosse possível organizar uma estatística, verificaria-se que os maltrapilhos têm os menos nocivos do que os indivíduos solenemente enascados.

O «P. verello», viveu coberto de farapos, e até hoje ainda nenhum ser humano muito elegantemente vestido praticou actos que possam comparar-se os «metidos» por aquêle pobre-zinho no vestir, tão rico de bondade.

Revista «Turismo»

DEVE-SE ao espírito requintado de Julião Quintinha a realização de esta magnífica publicação de arte. Somente, devamos acentuar, como efectivação da arte e de jornalismo — que não de possibilidade material.

«Turismo» é das mais felizes e completas revistas do seu género: nada lhes falta. Pois o leitor tudo nela encontrará: esplêndida colaboração literária e artística, graciosa disposição gráfica e temas de vivo interesse.

E conseguir-se tudo isso é já alguma coisa.



Artilheiros da marinha real inglesa com os seus capacetes especiais

UMA NOVELA

A ÚLTIMA NOITE

de GUEDES DE AMORIM

DE manhã, quando a Angelina, a afilhada, lhe entrou no quarto, D. Adelaide, acodada, havia mais de duas horas, disse-lhe imediatamente:

— Não me levanto mais da cama. Para quê? O Carlos não virá!

A rapariga sentiu-se ferida com estas palavras. Muito embora estivesse acostumada a recolher declarações semelhantes, não as esperava. Na véspera, tinha chegado carta de Carlos, com meia dúzia de frases enternecedoras, a dizer que estava a preparar as suas coisas e, se Deus o ajudasse, viria à aldeia passar o Natal. A madrinha ficara tão contente e lóra deitar-se tão confiante... Então, que dúvidas lhe teriam atravessado e espiroto.

— Já te disse — teimou D. Adelaide, na sua voz pigarrenta. — Já te disse. Ele nunca mais volta a esta casa. Não queres saber de nós.

— Mas, madrinha, a carta que ontem recebemos?

— Hum! Intrujices! Há dez anos que manda dizer sempre a mesma coisa.

A octogenária tombou a cabeça na almofada, para o lado da afilhada, mostrando farrupas de cabelos brancos a espreitar debaixo da touca. Continuou:

— Ontem, ao ouvir-te ler as tretas desse valdevinos, deixei-me enganar como de tantas outras vezes. Porém, de noite sonhei... Vi-o nessa cidade, por onde ele anda, a rir e a tresloucar, sem querer saber da família para coisa nenhuma. Não vem, garanto-te eu.

— Pois eu, madrinha, tenho cá a firme, a firmíssima certeza de que o Carlos passará a próxima consoda conosco.

— Que dizes? Tens a certeza! Pois também tu tens sido bastante enganada...

Angelina sobressaltou-se. Aquela boa velha que a criara desde meni-

ninha, sabia de alguma coisa? Não podia ser. E, na sua memória, viu Carlos, no momento de abalar para longe, beijá-la, com a promessa de que voltaria um dia, para irem à igreja... Guardara, guardara bem no coração, como uma flôr, e em segredo, esse juramento. Mas agora, aquelas palavras: «Pois também tu tens sido bastante enganada»... Não, não era referência ao seu segredo. Saía para ir buscar o leite da madrinha esperçada em que o negro de aquele mau prenúncio se desvanecesse brevemente.

Voltou, dentro de minutos, com a chicara de leiteinho quente. Com um gesto fatigado, D. Adelaide afastou o pequeno almôço. E, como Angelina insistisse, ela começou então a chorar:

— Nunca mais verei esse querido neto. Posso jurar-te. O coração não me engana...

Habilidosa e sinceramente, comunicando-lhe a sua inabalável esperança no regresso de Carlos, lá conseguiu Angélica, ao cabo de muitos esforços, tirar a madrinha da cama. Durante dois dias, D. Adelaide ainda resistira a rogos e súplicas: «Não, não saio da cama. É de desprezo-nos a nós pela vida sem rumo. Daqui só para os torrões».

Tinha e mantinha o desejo de fechar os olhos para sempre, quando firmemente se convencia de que não voltava a ver o neto. Vendo partir Carlos para Lisboa, tentado pela arte, ansioso de vir a ser um grande escultor, ela, ainda que triste e saúdosa, acompanhara a sua largada com enormes e resignadas esperanças. Se ele era o seu único neto — toda a sua família!

Nas vésperas do primeiro Natal do ausente, chegou carta d'ele a pedir dinheiro para fazer a viagem de re-

torno à aldeia. D. Adelaide mandou-lhe o dobro do que tinha pedido, e ficou à espera de vê-lo entrar pela porta dentro. Esperou em vão. Passou a consoda e o Ano Bom, sem recados nem mandados. Queriu ele lá bem saber dos seus! D. Adelaide esmagada de amargura, meteu-se na cama, pedindo a Deus que lhe mandasse a morte.

Rogando e esmagando a sua própria tristeza, Angelina conseguiu arrancá-la do leito. Ele viria no outro ano, ele era bom... E, amorosamente iludida pelas palavras da afilhada, a velha deixou-se tomar, novamente, de interesse pela vida, com a ânsia de abraçar o neto. Chegou, depois, carta do ausente, cheia de desculpas e arrependimentos. Que contessem com ele no próximo Natal. Falava verdadeiro? Mentia? D. Adelaide e Angelina acreditaram-no. O antigo solar animou-se e, quando outro Dezembro entrou, alegres esperanças floriram no peito das duas mulheres. Porém, sucedeu a mesma coisa que no anterior. Embora o tivesse prometido, Carlos não apareceu. A avó caiu à cama, doente e

ESTOMAGO ACIDO?

*Não é muito bom sinal!
Mas se tomar duas Rennie's
Vai-se embora todo o mal!*



UMA DOR

Quando se sentir roído pela acidez do estômago, não precisará de misturar um remédio na água. Precisarás, sim, de qualquer coisa mais rápida e melhor. Precisarás de Rennie's.

As Rennie's são embrulhadas, separadamente, para as poder trazer sempre consigo, esteja onde estiver. Poderá tomar duas, basta chupar uma de cada vez, como se fossem rebuçados. Dentro de dois minutos, o excesso de ácido terá sido neutralizado. A sua indigestão terá desaparecido! As dores foram-se. O estômago sente-se reconfortado. O apetite volta.



UM SORRISO

Rennie compõe-se de 15 ingredientes que auxiliam a digestão e neutralizam, rapidamente, o excesso de ácido.

Compre um pacote de Rennie's ainda hoje, na sua farmácia. Leve consigo algumas, na algibeira do colete ou na malinha de mão.



RENNIE'S

Empresa Insulana de Navegação

Carreiras regulares entre:

Lisboa, Madeira e Açores

Saídas em 8 de cada mês para:

Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa-Santa Cruz, S. Jorge-Calheta, Laços do Pico e Faial.

Em 23 de cada mês para:

Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa-Praia, S. Jorge-Velas, Cais do Pico, Faial, Corvo e Flores, Lagens e Santa Cruz.

AGENTES: em Lisboa:

Germano Serrão Arnaud

Carga e Passagens de 3.^a | Passagens de 1.^a e 2.^a

Av. 24 de Julho, 2-2—Tel. 20214 | Rua Augusta, 152—Tel. 20216

No PORTO — J. T. Pinto de Vasconcelos, Limitada

Na MADEIRA — Blandy Brothers & C.^a Limitada

Em PONTA DELGADA — Bensaude & C.^a Limitada

M^{re} CAMPOS

Bronzisol

ANTI-SOLAR



PERMITE QUE O SOL BRONZEIE A PELE DEFENDENDO-A DOS RAIOS SOLARES PERNICIOSOS QUE PROVOCAM AS QUEIMADURAS

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
TELEF. 21866 • AV. DA LIBERDADE, 35 • LISBOA
RUA DA ASSEMBLEIA, 115 • RIO DE JANEIRO

A ULTIMA NOITE

(Continuação da página anterior)

desejosa do fim. Tão amiga, tão amiga daquele — e ele não a queria vêr!

Sofrendo em silêncio, D. Adelaide preguntava se o que faria Carlos lá pela rumorosa urbe. Ainda que ele não lhe tivesse voltado a pedir dinheiro, desde o Natal anterior, ela dizia, de si para consigo, que ele vivia mal, certamente. Por vezes, chegavam-lhe informações por alvareiros loquazes, de retorno da capital, que o neto levava vida errante e desassessada. Pobre neto! D. Adelaide recordava sua filha Beatriz, mãe de Carlos, que havia morrido há muito, com o marido, num desastre de automóvel. Lá do outro mundo, ela, pelo certo, a censurava. por não ter sabido cuidar-lhe bem do filho...

A atormentada velhinha fizera, porém, o mais que lhe fôra possível para retê-lo, ali, junto de si. Mandara educá-lo, e, ao vê-lo homem, quizera mesmo fixá-lo à sua beira, para que se fôsse acostumando à administração do solar e das quintas que, por sua morte lhe pertenceriam. Não conseguira prendê-lo porém. Lá andava ele agora, por longe, com as suas desgraçadas manias artísticas.

Pelo Natal, como se estivesse a escarnecer, mandava dizer sempre que viria, mas a verdade é que a quadra festiva passava sem que ele aparecesse. Era certo que essas suas cartas vinham repassadas de sinceridade, Ela sentia-o em cada frase. Mas, então, por que motivo não vinha ele próprio? Tinha necessidade de dinheiro? E a só dizer de quanto necessitava. Porque não voltava? E todos os anos, em vésperas de Natal, repetiam-se no coração de D. Adelaide as mesmas esperanças e os mesmos desenganos. Depois, ela recolhia ao seu quarto vergada de amargo sofrimento. Angelina ficava a chorar

pelos cantos. Aquele grande casarão tornava-se sombrio. Chegava outro Dezembro: a velha senhora, contagiada e aquecida pela obstinada confiança da rapariga, voltava a levantar-se à espera de Carlos. Quería-o ao pé de si, na noite da Família, para o sentir redimido. Depois, então, que a morte a levasse. Repetiam-se, porém, as mesmas desilusões do ano passado. O neto não aparecia nunca. Certamente, a vida da enorme cidade o havia modificado. Não podia ser outra coisa. Quando vivia na aldeia, era tão delicado e tão temente a Deus... Atascado na boemia, talvez deixasse passar a santa noite do Natal sem pensar sequer no nascimento de Jesus. Desgraçado, desgraçado! Muito católica, D. Adelaide seguia a tradição e considerava sacrilégio, em noite natalícia, quando os corações deviam bater todos juntos uns dos outros, que as famílias não se reunissem nem adorassem o Salvador. Desgraçado do seu neto, que trazia o pensamento arredado de tão sublime obrigação!

Viria Carlos, finalmente, passar o Natal à casa onde nascera? D. Adelaide alimentava pouca confiança... Todavia, accedera às insistentes solicitações de Angelina. Vira-a tão confiante na volta do ausente! E mostrava bem, mais do que por palavras, pelo brilho dos olhos e pelo desembaraço das atitudes, que tinha realmente, uma certeza indestrutível nêsse almejado regresso.

Passaram-se os dias numa azafama pegada. E, quando chegou a véspera do Natal, todo o solar se apresentou movimentado. Angelina dizia repetidamente a si mesma: «Vem aí o meu amor». As criadas murmuravam: «Está aí a chegar o menino Carlos». E a D. Adelaide, inquieta, emocionada e estremecida de interesse pela alegre canseira que via em torno de si, confessava para consigo própria: «Sim, dentro de horas, apertarei de encontro ao peito o meu transviado netinho...».

Ainda mais que nos anos anteriores a ceia foi primorosamente cuidada. Henriqueta, a velha criada, auxiliada pela paqueta, tinha-se esmerado nos cozinhados. A avó, animada pela lufa-lufa que alastrava no solar e pelas palavras de Angelina,

DIADERMINE creme medicinal
BONETTI de beleza



O Papá barbeia-se com prazer porque a DIADERMINE Bonetti apaga o ardor da navalha.

A Mamã assegura a sua beleza — de manhã protege a sua tez; à noite, limpa a cutis com DIADERMINE Bonetti.

O Néné já não chora de noite; porque o emprêgo de DIADERMINE Bonetti poupa-lhe vermelhidões, irritações das nádegas, etc., sem manchar a roupa.

O creme da família
Boião individual: 10\$00 — Boião familiar: 32\$00

É vendido nas perfumarias, drogarias e farmácias, mas não se deixe «impingir» imitações sem o nome «Bonetti» ou preparados vendidos a granel. Exija o boião azul de origem.

OFERTA — Toda a leitora desta revista goza da regalia de receber os dois tratados de higiene e beleza, gratuitos, ao mesmo tempo que um boião individual de DIADERMINE Bonetti, bastando enviar Esc. 10\$00 aos Agentes da DIADERMINE Bonetti, Rua da Assunção, 88-2.º, Lisboa, lembrando este anúncio. O dinheiro é só para o produto; o porte e os livros são grátis.



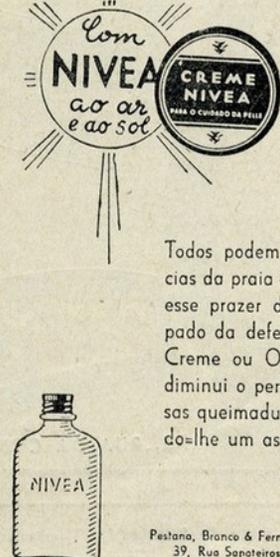
COMO O QUE ME APETECE!

Foi-se a flatulência

Saboreie a comida sem medo dos efeitos dolorosos subsequentes. Ponha ponto no sofrimento causado pela indigestão, gases e ardores, tomando Magnésia Bisurada. Uma colher de chá de pó ou 2 a 4 comprimidos neutraliza rapidamente o excesso de acidez e acaba com as perturbações do estômago.

DIGESTÃO ASSEGURADA com **MAGNÉSIA BISURADA**

À venda em todas as farmácias, em pó ou comprimidos, a 15\$00 e 23\$00.



Com **NIVEA** ao ar e ao sol

Protege a sua pele defendendo-a das queimaduras do sol. Conseguirá um bonito tom moreno e um aspecto como o dos desportistas. A sua pele fica flexível e não seca.

Todos podem gozar as delicias da praia e do sol! Porém, esse prazer deve ser antecipado da defeza da pele com Creme ou Oleo Nivea, que diminui o perigo das dolorosas queimaduras de sol, dando-lhe um aspecto saudavel.



de linho, pratas e faianças raras e até flôres.

De roda do lume, D. Adelaide, Angelina e as criadas esperavam o ausente. As horas caminharam. Da tagarelice com que tinham começado a fazer a ceia, passaram, pouco a pouco, a um silêncio esmagador. A noite de Natal ia dobrando e dobrando minu os. Ninguém falava mentalmente: «O meu dever vem aí...» Era a única que ainda acarinava esperanças no regresso de Carlos. As criadas já as tinham perdido todas. E, D. Adelaide, com os olhos cerrados, levantava o pensamento ao céu e pedia-lhe a protecção para o neto. De agração, desgraçado!

Dir-se-ia que, ali, à volta do fôgo, aquelas mulheres velavam um cadáver. As chamas foram amortecendo, amortecendo. A noite avançou mais. Ouviu-se, depois, badalar o sino da igreja, chamando os fiéis para a missa do Galo. Entreabrindo os olhos, a avó disse: — Vão vocês à missa. Eu não tenho forças... Que Deus me perdô... .. Angelina foi à missa, com as criadas e... quando voltou, Carlos ainda não tinha chegado e a madrinha estava morta...

Anunciai no **Mundo Gráfico**

A Ciência Britânica derrotou Hitler

(Continuação da página 24)

25 variedades. Assim, nas cidades e outro aglomerados populacionais onde existam comunicações difíceis por falta de pontes, poderão beneficiar deste novo e rápido método de construção.

Quanto à outra invenção, trata-se de leitos de estrada transportáveis os quais podem ser assentes rapidamente, por um grupo de 60 homens, também capazes de suportar o mais pesado tráfego de viaturas. A velocidade de construção atinge 1 milha em cada oito horas. Uma 50 milhas deste tipo de estrada transportável, pesam 2 000 toneladas — um carregamento relativamente pequeno — e uns seis caminhões, são suficientes para o transporte de uma milha de estrada. A construção de estradas desta forma terá um efeito, fácil de prever, no estabelecimento de comunicações em países onde a construção de estradas normais representa dificuldades insuperáveis.

Hitler desafiou o mundo para uma guerra total, e agora está colhendo aquilo que na devida altura semeou. O novo tanque lança-chamas, inventado pelos Britânicos, é capaz de lançar chamas a uma distância de 150 jardas. Foi esse engenho que transformou a muralha do Atlântico numa fogueira ardente — ninguém podia ficar com vida quando esse engenho se encontrava ao alcance dos redutos inimigos, fossem casamatas ou simples trincheiras. O

tanque lança-chamas mais poderoso é o chamado «Crocodilo», uma adaptação do tanque pesado «Churchill», dispoendo de blindagem reforçada. Este engenho leva a reboque uma viatura blindada que é o depósito da combustível. Quando a missão do lança-chamas está terminada o tanque desprende-se do reboque e continua na sua tarefa normal. Neste caso, também, o trabalho de investigação e de reanimação em tempo de guerra será útil para a paz. Lança-chamas serão empregados na limpeza de terras para a agricultura queimando vegetação improductiva ou ainda na destruição de parasitas.

«A grande silenciosa»

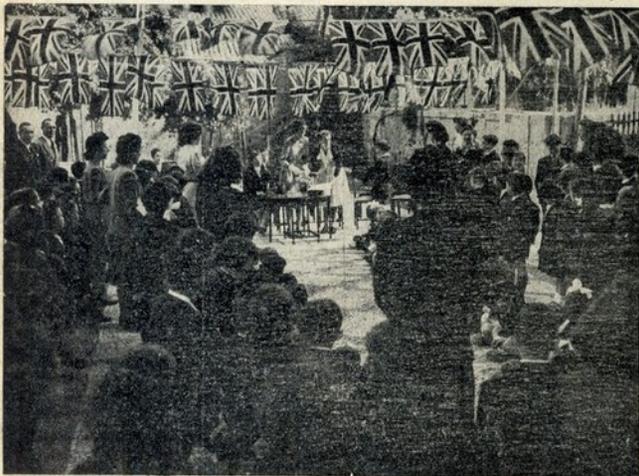
A falta de espaço não nos permite citar mais e mais exemplos do génio científico Britânico que a invasão do Norte de África e da Europa constituíram um testemunho eloquente do extraordinário espírito inventivo que tornou possíveis tais empreendimentos.

Falar-se na invasão faz-nos inevitavelmente recordar o papel da Marinha Real, pois sem ela a Grã-Bretanha não tinha sobrevivido, nem tampouco as suas forças armadas haveriam podido pôr o pé no território inimigo. Pouco se tem falado das invenções no campo da ciência naval, talvez para manter a tradicional designação da Marinha conhecida pela «grande silenciosa».

A SOLUÇÃO DE «FOTO-CRIME»

COMO podem ver, meus caros leitores, as impressões que estavam no meu botão, eram da mão esquerda, (fig. 1) Duncan motrera instantaneamente e caíra a cerca de dois metros e meio da secretária. Logo, as impressões tinham que ser do assassino. Tom e Eileen foram automaticamente postos de lado, porque o primeiro usava um grosso anel de brânço no terceiro dedo da mão esquerda e a segunda tinha dois anéis no mesmo dedo. (fig. 2) Usando um anel no dedo é, praticamente, impossível obter uma impressão perfeita de todo o dedo, porque a altura do anel, como é natural, impede o contacto directo. Se o assassino usasse um anel no dedo haveria uma marca nas impressões correspondente a ele. Concluiu, pois, que o assassino não usava anel. Só uma pessoa, reparem nas figuras 2 e 4, não tinha anel na mão esquerda, e era Sylvia. Um exame mais cuidadoso revelou a existência de uma mancha de sangue nas calças do pijama. Sylvia acabou por confessar.

UMA FESTA na «Queen Elisabeth School»



Um aspecto da festa

PARA comemorar o dia da Vitória das Nações Unidas na Europa, miss Denise Lester directora da «Queen Elisabeth's School» criou um diploma para ser entregue aos alunos que frequentam a Escola. A distribuição fez-se em 24 do mês passado, dia do Império Britânico, numa festa que se realizou no jardim da Escola e à qual assistiu a sr.^a ministra de Inglaterra, mrs. Ashley-Clark, que procedeu à entrega dos diplomas aos alunos.

A tarde, na parada do Quartel dos Sapadores Bombeiros, que se encontrava vistosamente ornamentada com bandeiras das Nações Unidas e fôra amavelmente cedida para esse fim pelo seu comandante, sr. major Gomes Marques efectuou-se, como nos anos anteriores, uma festa desportiva a que presidiu a sr.^a embaixatriz de Inglaterra, lady Campbell, que foi entusiasticamente saudada pela numerosa assistência.

Depois dos pequenos alunos terem, alegremente, disputado os prémios que competiam aos diversos jogos, também as mães e pais das crianças, professoras e antigos alunos, tomaram parte em alguns desses jogos, o que causou ruidosa alegria entre as crianças.

No final, a sr.^a Embaixatriz de Inglaterra, coadjuvada pela sr.^a Consulesa do mesmo país, mrs. Gudgeon, procedeu à distribuição dos prémios.

LAMINAS

Os homens de todo o mundo continuam a afirmar que o sistema de barbear Gillette bate todos os outros em rapidez, perfeição e economia. Não importa que compre a lâmina Gillette Azul ou a Lâmina Gillette Dourada, pois em ambos os casos, compra a melhor qualidade de lâminas.



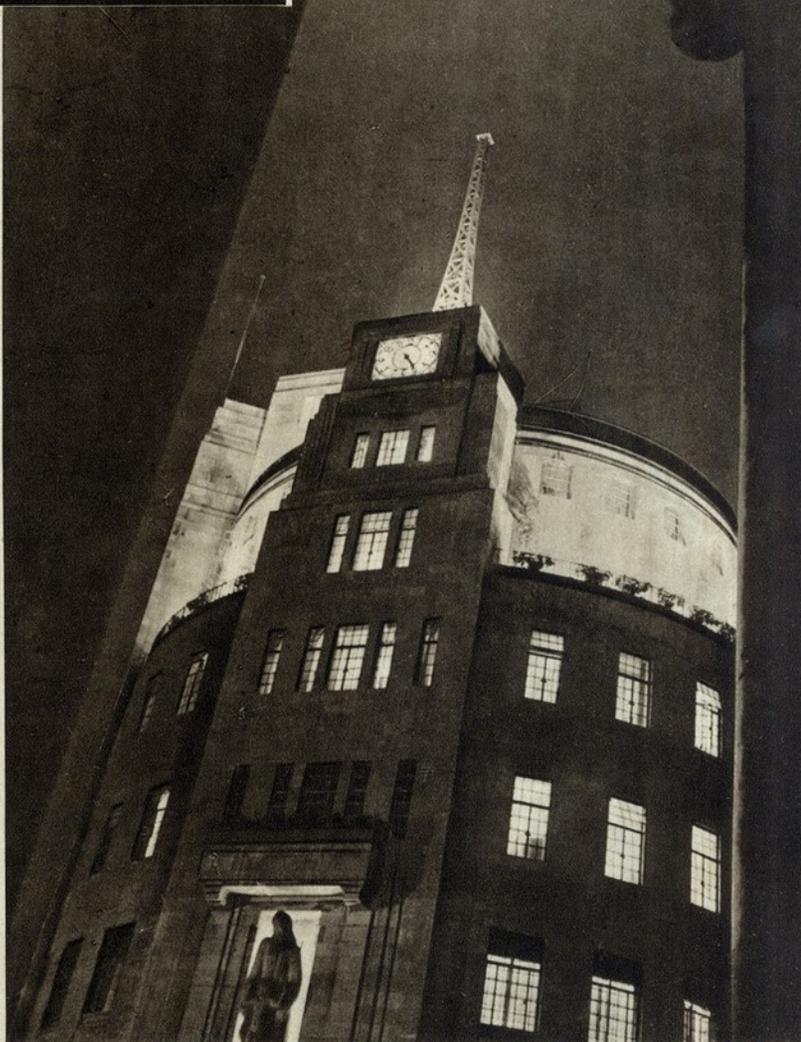
GILLETTE

75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º, LISBOA

A VOZ DE LONDRES PARA E O MUNDO ACREDITA



Judy Shirley, a «chin-up girl» n.º 1, cantando para os soldados ingleses



Esta é uma das gigantescas tôrres das antenas da B. B. C.



É Joy Shelton, a artista mais querida dos marinheiros da Royal Navy

Kay Cavendish, das mais célebres pianistas britânicas, num dos seus concertos ao microfone



Leslie Mitchell, comentador da Rádio e do Cinema, lendo uma das suas mensagens



**MUNDO
GRÁFICO**

MRS. CHURCHILL REGRESSA DA RÚSSIA